



CARLOS CASIMES



A baiana Rojane Fradique foi segunda colocada no concurso nacional da agência Elite

# Beleza NEGRA

Só a partir da década de 70, o visual afro passou a ser discutido e valorizado; antes disso, os afro-descendentes não ressaltavam seus traços porque não eram considerados bonitos

MANUELA BARROS

**B**eleza, a princípio, pode parecer um tema superficial, bobagem para entreter dondoca. Mas falar de beleza negra está longe de ser uma questão puramente estética. A ascensão do negro bonito, da beleza da raça contribui para a sua afirmação do negro na sociedade que o discrimina e sempre o considerou feio, diante de um ideal estético pautado pelos brancos. Discutir sobre beleza negra é tratar da luta do negro pelo seu espaço.

Essa é a opinião da museóloga Rita Maia, doutoranda em comunicação e estudiosa em beleza, arte e estética negras. "Não dá para separar o exterior do interior. O que revelamos através de nossa aparência é como o mundo nos vê. Se o negro valoriza a beleza de sua raça, está afirmando sua consciência e mostrando seu orgulho. Garantindo seu espaço à medida que não se coloca como inferior ou alguém que precise imitar um padrão", explica.

Rita Maia relembra que só foi a partir da década de 70 que a beleza negra passou a ser discutida e valorizada. "Antes o negro não expunha seus traços, pois as características de sua raça não eram consideradas bonitas", comenta. Era comum, segundo a museóloga, as negras tentarem disfarçar seus traços (como nariz e lábios grossos), cabelo e cor da pele, na tentativa de atingir o padrão branco.

Um exemplo dado por Rita Maia é o da cantora americana Josephine Baker, famosa nos anos 20. "Ela costumava passar suco de limão na pele para clareá-la e usava muita maquiagem, sempre para amenizar os traços", conta. Rita Maia ainda lembra do costume de se alisarem os cabelos, que era praticamente uma regra para todas as artistas negras do início do século.

**CULTURA POP** - Quando na década de 70 os movimentos da contracultura instauraram a onda do "black is beautiful" (preto é bonito), o negro finalmente pôde ter orgulho de suas características físicas. Os cabelos alisados deram lugar aos crespos naturais e o corte black-power virou moda. O traços faciais passaram a ser destacados em maquiagens coloridas e os tecidos étnicos ganharam as ruas.

O fato de valorizar a beleza dava ao negro um po-

der de reivindicar espaço. Ao mesmo tempo que ressaltavam suas diferenças, integrava-se com mais força à sociedade, como enfatiza Rita Maia. A museóloga diz que a valorização da beleza negra pode ser compreendida tanto pelo viés da cultura pop, quanto pelo viés político. "É pop à medida que vira moda, que ganha as ruas. É político porque é dessa forma que o negro se filia a suas raízes, cria vínculos e reivindica seus direitos", completa.

**ESTÁ NA MODA** - A valorização da beleza negra faz crescer um mercado específico de produtos e serviços que atendam à população afro-descendente. Em Salvador, onde cerca de 80% da população é negra, os salões de beleza destinados a esse público pipocam na cidade. Um exemplo é o Centro de Beleza Umidifica, localizado no bairro da Pituba. Ele quebrou um tabu pois, ao contrário da maioria dos salões afro que estão estabelecidos na periferia, o Umidifica tem como endereço um bairro nobre.

O cabeleireiro Osny Cardoso, sócio do centro de beleza que foi inaugurado há dois anos, diz que instalar o salão na Pituba foi uma forma de quebrar um preconceito. "Já tive salões em bairros populares e vi que era viável criar um bom salão, num local valorizado, para atender ao público negro", explica. Frequentando os salões badalados de Salvador, vê-se que não há produtos para o cabelo étnico ou profissionais capacitados para lidar com a beleza negra, como salienta Cardoso.

Em seu centro de beleza, o cabeleireiro tem profissionais especializados em cortes afro e produtos desenvolvidos para a população negra. "Com esse destaque, o negro se sente valorizado. Aqui as coisas são feitas para ele", completa.

Outro local badalado da cidade é o salão do cabeleireiro Oliver Santos, o Black Fashion. Localizado no Pelourinho, o espaço é o mais procurado por quem quer fazer tranças à moda afro. A clientela de Oliver aumenta consideravelmente no verão, quando os turistas - negros e não-negros - descobrem a beleza dos penteados afro.

É claro que esse movimento intenso é reflexo do modismo, mas Oliver salienta que explica aos seus clientes o significado dos penteados que está fazendo. "Não é só beleza que esses cabelos têm. É a história do povo africano. Cada um quer dizer alguma coisa e costume conversar sobre isso enquanto faço os penteados", relata Oliver.

## Mundo fashion começa a se render

Até mesmo o mundo dito *fashion* começa a recrutar modelos negras para a passarela, apesar de ainda ser escasso o número de afro-descendentes entre as chamadas "manecas". Incentivadora dessa tendência, a *scouter* (caça talentos) da agência Elite, Milene Santos, pretende levar muitas meninas negras ao estelato. "Mas a maior dificuldade é que as próprias garotas não se acham bonitas e não se candidatam para os concursos de moda", explica.

Milene é responsável por levar aspirantes a modelo da Bahia para São Paulo, onde é realizada uma seleção nacional. Em geral, segundo ela,

apenas 5% das inscritas são negras. "Eu chegava lá em São Paulo e via que as meninas que eu levava pareciam com as vindas do Sul. Não era a representação da minha terra, porque o tipo aqui não é loira de olhos azuis", lembra Milene.

Por isso, este ano, Milene resolveu correr atrás de modelos negras, descobrindo-as em pontos de ônibus e bairros da periferia de Salvador. "Elas costumam ficar espantadas porque não se acham bonitas, afinal elas não têm muito em quem se espelhar", conta. Seu empenho fez com que o concurso da Elite, em Salvador, este ano, tivesse entre suas inscritas cerca de 30% negras.

I QUAL A SUA COR?



"Eu sou negra clara. Meu sangue é negro"

NADIRA NASCIMENTO,  
17 anos, estudante.